

UM PARLAMENTO TENEBROSO

que não pode continuar a viver sem
que exijamos pesadas responsabilidades a quem o elegeu

Não há, não pode existir um parlamento como esse que está sem que paralelamente exista uma legião mais ou menos consciente que eleja os indivíduos que o compõem. No nosso suplemento de sexta-feira chamávamos à responsabilidade as criaturas do povo que, teimando em exercer o seu direito de voto, tão tenebrosa assembleia elegeram. E de facto essas criaturas, se votaram no intuito de levar ao parlamento homens capazes de produzir algo de útil para a sociedade, devem estar bem arrependidas e muito mal com a sua consciência.

Esses deputados sem escrúpulos depressa esqueceram que devem os seus cómodos lugares, que transformaram numa ignobil banca de negócios escuros, ao povo iludido que os elegeu.

Razão têm aqueles que — como nós — se abstêm de votar. Essa abstenção é o mais forte protesto contra uma instituição corrupta como é o parlamento, que vive do povo para atraindo o direito do povo.

Anti-parlamentaristas, somos logicamente contra o voto. E todo aquele que conscientemente deixa de votar para se entregar à luta revolucionária, ao nosso lado, merece a nossa mais franca simpatia. Esse vem fortalecer as hostes sindicais que pretendem derruir de *fond en combles* a sociedade capitalista para estabelecer outra sociedade onde a ignobil exploração do homem cesse para sempre.

Agora, o abstencionista inconsciente, o que se recolhe perante os problemas políticos numa criminosa indiferença, os que não pesam como valores sociais nem para um lado nem para o outro, os que não vão votar porque não têm um ideal qualquer que os eleve acima dos irracionais, esses causam-nos tanta ou mais repulsa do que os que votam acarneiramente, inconscientemente.

Preferimos acima de tudo, porque os estimamos como camaradas dignos os que, colocando-se a nosso lado, no campo revolucionário, não votam por raciocinada deliberação. Mas aqueles que votam, aqueles que não compreendem ainda toda a beleza, toda a verdade do ideal que nos anima e teimam em levar às urnas o seu voto que contribui para a entrada de deputados no parlamento, a esses que não desistem das suas ilusões parlamentaristas é que nos julgamos no direito de chamá-los à responsabilidade se fizerem com os seus votos um parlamento de reacção e de conservadores, que pretendem esmagar o país sob a sua patá despótica. Sem deixar de lhes fazer sentir que o melhor caminho é o da abstenção consciente acompanhada dum forte acção nas fileiras revolucionárias, pedimos-lhes que, ao menos, em vez de votarem nas forças vivas, deem a sua preferência aos partidos avançados. Mal, por mal — do mal, o menor.

Não se confunda, porém, a nossa linguagem com um incitamento ao voto. Já o dissemos atrás e sempre o temos afirmado que o caminho mais seguro para o proletariado alcançar a sua emancipação — é o revolucionário, fora do parlamento, fora dos municípios, longe dos ministérios, contra os ministérios, contra os municípios, contra os parlamentos, peças da máquina do Estado burguês que tem de ser substituída pela nova máquina sindicalista, a que melhor corresponde à vida económica, moral e social do povo.

A manifestação dos explorados

Referindo-se à formidável manifestação que o povo explorado fez a Belém, *O Século* afirmava que, afinal, os manifestantes não eram republicanos. E não eram, de facto, não eram republicanos. Tem *O Século* muita razão. No cortejo incorporaram indivíduos de todas as cores políticas e sociais: anarquistas, sindicalistas, comunistas, socialistas, republicanos e possivelmente monarchicos. Não se tratava, como *O Século* muito bem sabe, duma manifestação política. Eram os explorados, que, fora de qualquer preconceito político, protestavam contra os exploradores.

A ORDEM Uma violência inexplicável

A polícia impede a realização duma
conferência educativa

No sindicato dos empregados de escritório realizava noutro domingo dr. sr. Amâncio de Alpoim uma conferência com o tema «A classe média». Quando o orador explicava qual a função social da classe média foi bruscamente interrompido pela polícia, que impediu a continuação da conferência. Contra este estúpido atentado da autoridade ao mais sagrado dos direitos — o direito de educação — aqui lavramos o nosso mais indignado protesto.

Preguntamos muito sinceramente se nunca mais no governo civil ou onde se forjam estas façanhas existirá alguém com algum bestunho — ou pelo menos que saiba soletrar o suficiente para aprender que isto de uma centena ou duas de pessoas se reunirem, para ouvir alguém que tenha ideias de interesse colectivo a expor, não constitui nenhum crime nem à face da lei nem do bom senso.

O que é mais interessante é que a conferência do dr. sr. Amâncio de Alpoim fazia parte duma série que o mesmo sindicato tem promovido num esforço em prol da educação, cheio de boa vontade, persistência que só merece aplauso e incitamento. Tendo-se anunciado convenientemente todas as conferências, tal e qual como sucedeu com a do dr. sr. Amâncio de Alpoim as outras não foram impedidas: pareciam, pois, inacreditável e absurda a violência de domingo se porventura o absurdo e o inacreditável não se tivessem inventado de propósito para um exclusivo da polícia...

Quanto recomendo as violências? Se assim é ocorre perguntar se não serviu de nada oitenta mil vozes terem clamado diante do presidente da república um pouco de liberdade e de justiça.

Nada de confusões...

O *Correio da Manhã* referindo-se ao discurso do dr. Sobral de Campos no acto de posse colectiva do novo governo, disse que ele falava em nome da C. G. T.

Este organismo operário não se faz representar em solenidades desta natureza. O dr. Sobral de Campos, quando muito poderia falar em seu nome e do seu partido — o comunista. Nunca poderia ter falado em nome dos manifestantes de Belém, porque, decerto, eles não lhe passaram procuração para isso.

Não se envolva, portanto, a C. G. T. em questões políticas que ela aprecia, de fora, sem se imiscuir na sua engrenagem.

Manifestação anti-clerical em Marselha

O general Castelnau fez, no dia 9 deste mês, uma conferência no teatro Valette, em Marselha, a pedido da Liga de Defesa Religiosa e Acção Católica.

Quando se sabe que ia haver essa reunião, os partidos extremistas organizaram uma contra-manifestação à qual se juntou uma quantidade enorme de populares. A partir das 7 horas da noite uma imensa multidão dirigiu-se para o local onde os católicos se tinham reunido.

Foi necessário formar fortíssimos cordões de polícia, «gendarmes» e tropa para poder sustentar os manifestantes.

Houve vários conflitos nas ruas próximas do teatro e uns quarenta feridos, tendo a polícia feito inúmeras prisões.

A saída da reunião, a força pública teve que empregar todos os meios persuasivos para conter os manifestantes que enchiam todas as ruas próximas do local.

Mosquitos por cordas

O *Século* de ontem, numa local sob o título que nos serve de epigrafe, insinuava que os operários da Administração do Porto de Lisboa, tinham provocado grande charivari chegando a estar formados em ordem de batalha para defender os seus chefes, isto a propósito da exoneração do cargo de administrador geral do sr. Alfredo Rodrigues Gaspar.

Para se avaliar dos processos jornalísticos daquela gazeta e da especulação política por ela feita em redor dos mais simples casos, vamos dar publicidade ao comunicado que segue e que nos foi enviado pela Associação de Classe dos Funcionários do Quadro da Administração do Porto de Lisboa:

«A Direcção da Associação de Classe dos Funcionários do Quadro da Administração do Porto de Lisboa, conquanto não tenha que se imiscuir no procedimento dos operários da mesma administração, no entanto, em abono da verdade declara e sem receio dum desmentido, não ser verdadeira a notícia publicada no jornal *O Século* de ontem com o título «Mosquitos por cordas», referente aos operários em serviço na mesma administração geral.

Afirma que estes nunca estiveram debaixo de forma ou em ordem de batalha para defender fosse quem fosse. Esta Direcção para evitar futuros equívocos, esclarece que o pessoal da Empresa do Tráfego, Limitada, não pertence à Administração do Porto de Lisboa.

Mais declara a mesma Direcção que não tem fundamento o último período da local inserta no «Diário de Lisboa» de ontem com o título «Caso complicado».

Sobre o mesmo assunto fomos procurados por uma comissão de operários que nos asseverou ser absolutamente falsa a parte dessa local que a eles se refere.

Também da Associação do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa nos foi enviado um protesto contra a mesma local.

APROVEITEMOS A LIÇÃO

A manifestação ao presidente da república de sexta-feira última, constituiu, por mais dum motivo, um acontecimento digno de ponderação, e por isso mesmo, bom é que todos os que se interessam pela vida pública, a meditem e a discutam, para dela se tirem, com proveito, os ensinamentos que comporta.

A grandiosidade da manifestação a todas surpreendeu, excepto aos grandes profetas dos factos passados, que nos virão dizer que já a tinham previsto assim. Pois como não havia de ser uma surpresa, se tudo que se viu era de molde a diminuir-lhe a importância?

Ninguém nela falava um dia antes e não se falava noutra coisa um dia depois.

Certamente organizada à pressa, entrando nela os mais variados elementos, com um tempo que nem encomendado pelas forças vivas, e para mais, como me dizia uma velha reacção, realizada em sexta-feira e a treze!

Tudo que se observa, que está à vista, era contra; mas havia os *imponderáveis*. Mais uma vez estes se manifestaram para confusão dos que se riem, como políticos positivos e homens práticos, desta parte imponderável, idealista ou como elas queiram chamar, que existe nos fenómenos sociais, nos movimentos da vida colectiva. E' quando anda *uma coisa no ar*, no ar, é no espírito de todos ou da maioria.

Dia treze e sexta-feira, dizia a velha. O que ela não sabia é que também era o aniversário da queda da Trautlândia, de odiosa e picaresca memória e da famosa lei liberticida a lei de 13 de Fevereiro, também de odiosa e picaresca memória.

Se não tivesse chovido, muita mais gente a manifestação teria tido, é incontestável. Mas ainda bem que choveu e muito, com perdão dos que muito se molharam e se fatigaram. E' que, se o dia tivesse estado lindo de sol e temperatura, todos os jornais contrários não teriam deixado de tirar todo o partido possível disso, dando a grande maioria dos manifestantes como simples curiosos e passeantes, que se entretinham com um espectáculo. Com a chuva inclemente que caiu, não foi possível fazer valer esse derivativo. Tem todos, com vontade ou sem ela, de reconhecer que toda aquela enorme multidão era composta de manifestantes que de alma e coração estavam com os objectivos da

manifestação. Não há maneira de se iludir a questão neste ponto, como não se pode negar que além daqueles manifestantes, há milhares de pessoas que não foram a Belém por um ou outro motivo mas que estão de acordo com os que lá foram.

Foi portanto uma grandiosa afirmação de protesto contra explorações, de desejo de vida melhor, de disposição para realizar esse desejo.

Foi tudo isso e deve ter sido outra coisa também: deve ter sido uma lição. Não uma lição para as «forças vivas», pois essas não é com manifestações daquela espécie que se convencem de que deveriam enveredar por outro caminho. Pelo contrário: agora mais do que nunca os conservadores entendem que devem usar da *maneira forte*, para meter na ordem os discólos, a *malta*, nome porque, já agora, são designados os que não prestam culto ao deus milhão.

Não; a lição deve ser para os outros, para a *malta*. A lição tem vários aspectos, mas um há que se me afigura ser o mais importante: é o da prova da existência dos tais imponderáveis, que neste momento estão a dizer que acima de certas divergências de orientação e de tática, há, para todos que tem declaradamente o mesmo objectivo de transformação social, a necessidade imperiosa de um entendimento. Trata-se, evidentemente, duma associação de esforços para um fim comum, apenas ocasional, com absoluta, completa autonomia, para tudo o mais, dos indivíduos e dos agrupamentos. Um entendimento, uma forte coesão, ocasional certamente, mas pronta para todas as ocasiões.

Estas podem ser mais numerosas do que poderá pensar-se, ao contrário do que alguns entusiastas julgam. Alguns houve que apressadamente chamaram ao que se passou na sexta-feira, o princípio do fim, quando é, se for, o alvorecer do começo.

Que os entusiastas se não deixem embalar com ilusões que são perigosas e se convençam de que aquele entendimento é condição indispensável para se caminhar bem na luta com um terrível inimigo. Ai de nós todos, se não soubermos pôr acima das facções, dos grupos e das tendências, as necessidades imperiosas do momento actual.

EMILIO COSTA

Cem contos para pândega

Dissemos há dias que o C. da L. estava disposto a gastar cem contos em diversas carnavalescas. O caso causou sensação. Recebemos algumas cartas justamente indignadas recordando a fome que vai agora por esse país, enquanto o sr. C. da L. se diverte de maneira tão perdulária.

Podemos hoje, para satisfazer a natural curiosidade dos nossos leitores, informá-los de que só a *toilette* da menina S. da L., filha do sr. C. da L., custou em Paris quantia equivalente a 15 contos. As *toilettes* das damas convidadas para a festa custam em média 5 contos. Os cavalheiros apresentaram-se há de casaca com bandas de cores... Um verdadeiro regabofe. E tu, proletário, gema com fome!

Heróico sacrifício dum operário

Em Colmenar Viejo, um operário da construção civil, Saturnino Nieto, realizou uma acção sublime que lhe custou a vida.

No dia 15 de Janeiro, uma mulher que ia a cavalo, ao atravessar a rua del Arroyo, quiz a fatalidade que o animal passasse sobre uma táboa muito fraca que estavam tapando um poço com 20 metros de profundidade e sete de água.

O animal e a dona foram para o fundo, sem que as infirmas pessoas que tinham presenciado o desastre pensassem em acudir-lhes. Foi então que o operário de que acima falamos se atirou à água e conseguiu salvar a mulher à custa da sua própria vida.

O heróico operário da construção civil, já algum tempo antes, tivera outro movimento generoso, apartando dois homens que se batiam à navalha. Interpôs-se entre eles e recebeu uma ferida na cabeça que levou 56 dias a curar. Fez mais: recusou denunciar os culpados.

O desventurado operário deixa na maior miséria viúva e dois filhos de tenra idade.

AFIRMAR, DESMENTIR

E' raro o dia que o *Século* não desminta uma notícia publicada na *vespera*. Passa o tempo a afirmar e a desmentir-se. Antontem lá vinha a dizer que não era verdade o que havia dito no dia anterior.

Por este andar, quem dará crédito ao que diz o órgão das «forças vivas»?...

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Os descendentes dos juizes do Santo Ofício

A *Epoca* vinha anteontem especulando duma maneira infame com várias afirmações de *A Batalha*, torcendo-as e dando-lhes um sentido bem diverso daquele que realmente tinham.

Insinuava o órgão católico que *A Batalha* pretendia apontar às iras da fantástica Legião Vermelha os deputados que mais fortemente guerrearão o governo do dr. José Domingues dos Santos.

Ora, *A Batalha* tem todo o cuidado de evitar fazer-se eco das cóleras que a multidão tem manifestado contra certos indivíduos em destaque na política reacçãoária para não dar ao combate de ideias e de princípios neste momento posto neste país um antipático aspecto de rancor pessoal.

Ainda anteontem, num artigo que publicamos sobre o critério da imprensa burguesa, a esta censurávamos os seus ataques pessoais desnecessários e rancorosos. Não iam, portanto, desmentir este critério apontando à tal Legião Vermelha as pessoas de cujas doutrinas e opiniões discordamos. Pretende, em suma, *A Epoca* apresentar-nos como indivíduos sanguinários, sempre prontos a desencadear na sociedade tempestades de ódios torvos que vitimem os nossos inimigos.

Esta *A Epoca* descansa da nós ainda não usamos de processos inquisitoriais que tão bem se coadunam com a índole hipócrita dos herdeiros da mentalidade dos juizes do Santo Ofício.

O SUPLEMENTO DE «A BATALHA» VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

A falta de pão

A falta de pão que ultimamente se tem feito sentir em Lisboa deu ao mais uma vez pôr à prova o poder corruptor do dinheiro.

Enquanto que para os operários, mesmo para os que à indústria de panificação pertencem, o pão falta, não escasseia o mesmo pão aqueles que possuem muito dinheiro e que portanto são «bons fregueses», porque a esses guardam os caixeiros o pão que negam aos que não vivem em palácios.

O que é triste é que alguns operários também, distribuidores, se prestem a colaborar nesse roubo que se faz ao estômago dos que trabalham.

Quando deixará de haver oprimidos que se curvem subversivamente ante os senhores da riqueza acumulada à custa do suor alheio?

Um artigo de «La Protesta»

Ossindicatos do pessoal dos Arsenais do Exército e da Marinha repelem as insinuações do jornal argentino

Quando do diário anarquista argentino *La Protesta* traduzimos há dias um longo artigo em que se apreciava o movimento social e operário em Portugal, não esperávamos que essa tradução e sua inserção em *A Batalha* pudesse ser tida, por quem quer que fosse, como significando a nossa concordância com o pensamento e crítica desse jornal. Traduzimos esse artigo julgando que a todos nós interessaria saber como somos vistos e apreciados a distância. A sua tradução fomos levados pelo convencimento de que esse conhecimento é até necessário para que possamos rectificar essas apreciações quando inexactas.

O artigo de *La Protesta* continha muitas inexactidões, disparates mesmo, e por todos esses títulos o julgamos curioso. Não lhe fizemos comentários porque tam crassos eram os seus erros de visão que os não merecia. Esperávamos, sim, que as organizações visadas endereçassem a *La Protesta* a rectificação conveniente e necessária; e se algumas delas quizessem, aqui mesmo nestas colunas, corrigir os erros e repelir os disparates estavam dispostos a dar-lhes a guarida a que tinham todo o direito. Assim sucedeu com a União Anarquista Portuguesa, que imediatamente nos enviou cópia de uma carta que dirigiu à *La Protesta*, rectificando o artigo na parte que se referia ao movimento anarquista, e da qual, por ser muito extensa e esclarecer factos que por nós, portugueses, são suficientemente conhecidos, fizemos um extracto que publicamos na nossa primeira página.

Veem, também, agora os nossos camaradas dos sindicatos do Pessoal do Exército e do Arsenal da Marinha a protestar contra as acusações que no artigo traduzido são feitas a esses organismos operários.

«E' falso e desafiemos seja quem for a que prove que este sindicato ou os seus militantes recebem qualquer expólio seja de quem for, mormente os rublos da pobre Rússia» para manter os seus objectivos partidários da I. S. V. — diz-nos o Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, e nós ratificamos e corroboramos essa sua declaração. Mas entendemos, camaradas, que esse desmentido categorico deve ser feito directamente à redacção de *La Protesta*, onde a malévolacacção foi feita, para que se torne do conhecimento do operariado argentino.

Sabemos que a Confederação Geral do Trabalho informou também o jornal *La Protesta* sobre o movimento operário em Portugal, com o fim de evitar que de pé se mantenha no espírito do proletariado argentino os erros de julgamento e de facto de que o artigo em questão é fértil.

Todos estes esclarecimentos são muito úteis ao nosso movimento operário. E não é verdade, camaradas, que eles seriam impossíveis se não tivéssemos dado aos nossos leitores conhecimento do artigo de *La Protesta*?

O orientador da opinião pública

Estes grandes jornais, que andam constantemente a apregoar a sua seriedade, e o seu espírito de ordem e de disciplina, saem-se, por vezes, com achados jornalísticos de alto calibre.

O editorial do *Diário de Notícias* de ontem, acerca do novo governo fez-nos pensar nas críticas teatrais de certos semanários editados por amadores dramaticos.

O censo comum não se encontra nesse artigo. E fizemos esforços bem grandes por encontrá-lo... Diz-se, se não estamos em erro, que «tinha subido o pano» para o novo «governo», entrar em scena». Os espectadores aguardavam o «monólogo» e esperavam que o sr. Vitorino Guimarães estivesse à altura de «estrela de companhia», a não ser que ele se enganasse nas «deixas».

Ora este artigo teatral no seriíssimo *Diário de Notícias*, que blasona de orientador da opinião pública, só se justifica num engano de paginação ou no grande e natural amor que o seu director — escritor dramático — tem às cousas de teatro... de feira.

OUTRO CALUNIADOR

Há dias, um cavalheiro qualquer, num comboio do Estoril, afirmava que *A Batalha* estava vendida ao banqueiro Soto Maior. Vergastámo-lo nas colunas de *A Batalha* e o patife não apareceu provar o que afirmara. Não tuguem nem mugiu.

Agora surge outro caso mais grave. E' o dr. Torres Garcia que, em Coimbra, falando a uma roda de amigos no teatro Avenida, afirma que *A Batalha* defendeu, quando ele era ministro, o aumento do preço do pão e que todos os banqueiros de Lisboa, à frente dos quais se encontra a firma Pinto & Soto Maior e a própria Moagem, são subscritores de *A Batalha*.

Convidamos o dr. Torres Garcia a provar as suas afirmações. Se provar seremos uns vendidos, se não provar considerá-lo hemoso o pior dos pulhas.

MAIS UM

Mais um partido, mais um que se apresenta com muitos projectos, com programa e com os escassos partidários respectivos. E' o Núcleo Republicano Reformador.

Tem as suas medidas de salvação da pátria, como todos os partidos. Desta vez, com mais esta ação, deve ser salva, com certeza. Se não o for, é porque anda com muito azar, coitada...

A CAMINHO DA BARRICADA

Mercê da incompetência, da improbidade, da cobardia e insânia dos homens que têm governado este arremedo de republica democrática, desde o cardinal ao sacristão, desde o miguelete ao republicano bifronte, desde o potentado comercial ou industrial ao seu mais reles serventário, tudo se combina, tudo se prepara para asfixiar no seu cerco de ferro as fracas regalias com quistadas à custa do sangue generoso dos mártires da Liberdade.

E num ante-gosto de tigres sequiosos, discute-se já, combina-se já, à moda de Nero ou Dionísio, a forma mais requintadamente cruel de supliciar, de arrancar a voz e a vida aos intermenteros defensores da igualdade humana. E fiados ainda na impunidade de sempre, na pusilanimidade dos bufoes que, só por audácia inconsciente, tomaram as redeas dos destinos deste povo tão infeliz como infantil, a alcatra cresce, de nós se aproxima tanto, que já se sente o bafo almiscarado e nauseabundo de feras impacientes, aguardando a hora da matança real.

Há, porém, que contar com a defesa desesperada daqueles que estão resolvidos a vender cara a vida, daqueles que sabem que os seus inimigos têm coragem de lobo, mordendo tanto mais encarnadamente, quanto menos se lhes resiste.

Todas as revoluções trazem, por via de regra, à superfície do campo de luta, genios que viveriam e morreriam mais ou menos esquecidos no limitado âmbito da sua esfera de acção, se uma perturbação política ou social profunda não viesse pô-los em foco. Assim, a revolução francesa deu-nos Robespierre, Danton, Marat, Saint-Just; a Itália deu-nos Garibaldi; a América do Norte, Monroe; a Rússia, Lénine, para só falarmos das revoluções mais conhecidas e dos genios mais falados.

Ora, analisando sob este princípio o movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910, havemos de convir, embora com mágoa, que do *fauz-fond* da politica portuguesa só saíram líderes que por única bagagem de estadistas apenas traziam audácia e ambição.

O resultado é isso que para ai está, situação equívoca e ignobil, em que só predomina o deus milhão, com todo o seu cortejo de blandícias e hipocrisias, exploração e opressão, vaidade e ignorância, imoralidade e latrocínio.

A verdade desapareceu por completo da moral como da politica, dos tribunais como das escolas, das letras como das artes, do comércio da vida como da vida do lar. E contudo a verdade é a primeira necessidade, como o primeiro bem do homem.

Sem verdade, a moral não passa de transparente capa de ginomias; sem verdade, politica só pode gerar multitudes tiránicas e governos mais tiránicos ainda; sem verdade, os tribunais, longe de tranquilizarem a inocência, só encorajam o vício; sem verdade, as escolas são essa funesta e produtiva fonte de inúteis vaidosos que são mais tarde a maior calamidade dos povos; sem verdade, as letras como as artes não passam de poços de falsos pensamentos, contágio terrível do mau gosto; sem verdade, finalmente, o comércio da vida como a vida do lar são os grandes geradores da fraude e da impostura, o fulcro falso sobre que assenta a segurança comum e a felicidade íntima.

Apagado assim o farol sacrosanto da verdade, o naufrágio será quasi inevitável, porque o erro domina e dominará mais ainda, corrompendo os pensamentos mais belos, os sentimentos e as acções, tornando-se um princípio fatal de dissolução e de morte.

E com a verdade, fugiram também a vergonha, a abnegação e o idealismo, que foram o norte e o encanto de outras gerações de craveira mental bem mais elevada.

Nessa epoca, nenhum escritor, embora mediocre, se atreveria a dizer, nas colunas de qualquer jornal conhecido, «que tinha profundo desprezo pelas ideias internacionais, pelas ideias de emancipação humana». E não o fazia, porque a critica, tornada acicate, faria ver ao burrão que patria é apenas o lugar do nascimento, significado alargado pelos patriotes a toda uma nação, e que os grandes e belos espíritos, lógica e scientificamente, alargaram ao mundo inteiro, descendo ao ponto de chamar irmão ao ingrato zurrador.

Ao estalar o conflito entre a União dos Interesses Económicos e o governo, muita gente já desiludida e descrente chegou a formular esperanças sobre a acção politica do sr. José Domingos dos Santos, tal a firmeza e clareza com que s. ex.ª falou e se propôs efectivizar as suas promessas que, afinal, não representavam mais do que simples dividas em aberto da republica para com o povo ludibriado que a fez e que, apesar-de-tudo, ainda a aguenta, embora veja e sinta que ela apenas aproveita aos variados saprágoes que descaradamente a depauperam e desacreditam. Nunca, porém, pude partilhar dessas ilusões, porque conheço, infelizmente muito bem, os politicos deste desventurado país e também o grau simplesmente pavoroso da desmoralização que lava neste cantinho do mundo, por ventura simples reflexo do que vai por esse planeta fora. Onde só impera o deus milhão — necessário é não esquecer o axioma — a corrupção é fatal, e os homens seus admiradores, por mais que nos gritem a sua honestidade e isenção, não passam de frágeis bonecos de cordelinhos, que o tentador e seberano dinheiro pucha a seu belo talante.

A queda, pois, do governo do sr. José Domingos dos Santos foi tão logica como esperada, como lógico é s. ex.ª não voltar mais a constituir gabinete, nem com este nem com qualquer outro parlamento desta republica, porquanto o que vier há-de ser mais incompetente e, sobretudo, mais immoral, por que a rede lançada pelas oligarquias dominantes há-de ser mais *metálica e sonante*. Tal genero de corrupção esteve sempre na razão directa do dinheiro dispendido.

Mas não se desconsolo o sr. José Domingos dos Santos pelo precalço sofrido, nem se entristeça com a campanha desleal e infame que até correligionários seu, lhe movem, porque a sua queda, inutilizando-o, é

facto, para a política dominante, elevou-o a um facto de ordem pública, porque, diga-se a verdade, dos ministros republicanos, foi ele o que mais coerência e honestidade mostrou, podendo até dizer-se que foi o único que tentou sinceramente reafirmar o povo da república, porque foi ele o único que tentou restaurar princípios que a fizeram amada e desejada do mesmo povo.

Mas eu devo explicar a razão por que me sorri incrivelmente, ao perceber as intenções, aliás louváveis, do sr. José Domingos dos Santos, querendo, à viva força, arrancar a república das mãos possantes das variadas oligarquias que a exploram quasi desde a sua proclamação.

Fui, como muitos outros camaradas meus, intervencionista nos tempos saudosos da propaganda republicana, tendo, como é sabido, ajudado muito camelo de espinha horizontal a transportar alturas que, nem mesmo em sonhos, jamais esperou atingir. Nessa época, fazia-se ainda dos princípios questão de honra. E tão rasgadoamente liberal, tão libertário mesmo, era a propaganda feita, que muita gente julgou, e com fundamento, que a república a proclamaram em Portugal seria qualquer coisa de maior e mais belo que as repúblicas conhecidas. Lembrou-me ainda do calor e entusiasmo com que certo marechal republicano, na tribuna de qualquer terra de província, depois de me ter ouvido fazer afirmações abertamente anarquistas, me abraçou espectacularmente, afirmando ao povo em delirio que, no dia em que a república fosse um facto neste país, ele daria comigo um passo em frente, em procura de um horizonte mais vasto e mais belo.

Proclamada a república, dei imediatamente o passo por mim anunciado, voltando para trás várias vezes o olhar, esperando ver surgir o meu companheiro de tribuna, que mais tarde soube, com espanto e dó, ter ficado no caminho a chefiar os republicanos conservadores, ele que parecia a verdadeira encarnação do espírito revolucionário! O outro marechal rival, que era conservador por temperamento e escola, fez-se, por despoite e vaidade, chefe dos republicanos radicais!

E assim invertida tem andado a política republicana e assim terá de ir para o fundo pois que a inversão veio juntar-se a crápula.

Com tais exemplos dados pelos grandes como podia eu acreditar na sinceridade dos pignos seus humildes falsiduosos? Não tenho o prazer de conhecer pessoalmente o deposto presidente do último governo, mas, se fosse das suas relações, dir-lhe-ia, com aquela firmeza e autoridade moral com que arrelii algumas vezes certos dos grandes caudilhos do actual regime, que a sua vida de política honesta terminou com as palavras com que, no parlamento, estigmatizou a vil traição de que foi vítima.

Um só caminho lhe resta, se quiser manter a aureola de prestígio que o seu gesto político lhe criou. Abandonar sem perda de tempo o lodacão onde pretendiam assilar-se, e uma vez as botas bem limpas da vasa que chegou a pisar, vir cá para fora umir o seu esforço honesto ao esforço desinteressado dos apóstolos de um ideal mais alevantado e mais belo, dentro do qual o homem não possa ser o lobo do outro homem, no qual a vaidade desmaia e a calúnia não fertiliza, e só a honra e a abnegação tomam vulto e impulsionam as acções de benefício geral e de igualdade insosfregável. Desenganai-vos. O mal de que enferma este país é manifestamente mais profundo do que a primeira vista a muitos se afigura. A salvação e o bem-estar deste pobre povo não pode sair de parlamentos cuja constituição depende dessa coisa imoral que é o voto entre nós. Há que fazer obra mais profunda e mais completa. E essa só pode ser iniciada na barricada vermelha para onde me dirijo, a aguardar o ataque desses chacais que imaginam já mortas as vítimas da sua exploração.

E ali que há de ter início a grande batalha onde brotará a grande e verdadeira trilogia: liberdade, igualdade e fraternidade.

JOSÉ NEGRÃO BUSSEL

Eden Teatro
(Telefone Norte 3800)
Companhia OTELO DE CARVALHO
HOJE, ÀS 9:30 DA NOITE
A Inigualável revista
PRUTO PROIBIDO
com todas as SENSACIONAIS ATRAÇÕES

Sábado — 1.ª recita de Carnaval
Domingo, Segunda e terça-feira de Carnaval
3 ALEGRES ESPECTACULOS 3
COM DEZES DIFERENTES
seguidos de
deslumbrantíssimos bailes de máscaras
As divertidas festas carnavalescas mais bonitas e afluente da temporada. — Confrontem os preços e os espectáculos.

CONFERÊNCIAS

Questões morais e sociais na literatura

Hoje, pelas 21 horas, realiza o dr. sr. Câmara Reis uma conferência na secção que a Universidade Popular Portuguesa instalou no Sindicato da Construção Civil, à Calçada do Combro, sobre "Questões morais e sociais na literatura", devendo o conferente ser apresentado pelo professor dr. sr. Ferreira de Macedo, que numa breve palestra concluirá a exposição dos objectivos da mesma Universidade.

A próxima revolução e o partido comunista

Na próxima quarta-feira realiza-se na sede do Núcleo Marítimo dos Partidários da I. S. V. uma conferência subordinada ao título "A próxima revolução e o partido comunista". O conferente será um militante conhecido.

Rodas "Ocas"

A melhor para isqueiro. Chegou nova remessa. Digite pedidos a FRANCISCO P. LATA. Tabacaria ou Quiosque do Largo do Conde Barão, 55. Preços: 500\$00.

A FALTA DE CARNE

Chegam mais bois da Argentina

Ontem chegou a Lisboa um carregamento de 230 bois, a bordo do vapor "Falcões", vindo da Argentina, destinado ao abastecimento da cidade onde ultimamente se tem feito sentir falta de carne.

— Parece que mais dois carregamentos de ado devem chegar por estes dias.

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

O regime das Câmaras Municipais sob a ditadura riverista

A maior parte ou a totalidade dos actos que o Directorio Militar perpetrar actualmente tem o fim de fazer crer ao estrangeiro que o Directorio pode contar com a opinião da maior parte do país. Quando Rivera subiu ao poder suprimiu todas as câmaras municipais que tinham sido eleitas pelas urnas e nomeou novos membros, sem contar com a vontade popular.

A maior parte de toda esta gente é militar e a sua missão consiste em obrigar os municípios a render preito ao gabinete militar, impedindo a liberdade dos vereadores, os quais são obrigados a fazer unicamente o que o delegado mandar, e se algum titubiar ou for tido como suspeito do representante do Directorio é imediatamente demitido, sendo nomeado em seguida outro membro menos escrupuloso ou mais imbecil. Resulta disto que actualmente as câmaras municipais em Espanha são pequenos comités primo-riveristas, onde todos têm que concordar plenamente com a delegação militar, quer queiram quer não, visto que se vêem em face do seguinte dilema: subordinação completa à delegação militar, ou a imediata destituição com probabilidades de encarceramento. Para que este último caso se dê, basta que eles defendam teorias políticas, governamentais ou económicas, que não sejam do agrado dos militares; o alcaide é um subdelegado que deve imediatamente dar conta ao seu superior de tudo o que acontecer. Este castigo seja lá quem for, segundo o seu capricho ou maneira de pensar. No fim de contas, comités primo-riveristas "vulgares" câmaras municipais, apenas são figuras decorativas.

Uma prova palpável do que acabo de dizer, foi a festa celebrada em Madrid no dia 23 de Janeiro findo; nós que conhecemos os saberes como se acha constituída a actual situação, rimo-nos das fantochadas desses elementos, pois sendo conhecida a constituição dos municípios e o seu servilismo ao Directorio, foi fácil a este ordenar por intermédio dos seus delegados para que concorressem à tal festa de homenagem ao afonsinho e de protesto ao grande escritor Blasco Ibañez. Foram a ela representantes de todas as aldeias, com gastos pagos não das suas algebeiras, mas dos cofres dos municípios. Foi assim que puderam ir representantes (?) de todas as câmaras municipais a essa festa ridícula e fictícia, e que teve o fim de demonstrar ao estrangeiro que o povo está com o Directorio. Intelectuais! Como anda enganados, pois não tendes ninguém do vosso lado, a não ser algum esmeado ou vadio! Sósinhos fingis e segureis fingindo, até que se a hora já bem próxima em que essa atmosfera putrefacta será purificada e em que vos serão pedidas contas das vossas inúmeras vilanias.

JUAN ESPAÑOL

Continuam as arbitrariedades do Directorio

Primo de Rivera continua na sua sanha de acorrentar o pensamento. Sabemos que ultimamente o ditador proibiu a representação do "film", *Koenigsmark*, porque ofendia a Alemanha, a de *Scaramouche* porque tocavam a Marselheza e a da *Terra prometida*, alegando que era uma obra herética. Tencionará Primo de Rivera pôr em vigor as antigas leis da Inquisição?

Os Jesuítas acabam de ser nomeados para o conselho de instrução pública e parece que o ditador pensa em rever as leis escolásticas, as quais, segundo ele, não são suficientemente respeitadas para com a religião. Ora nunca as escolas estiveram num estado mais precário. A Espanha necessita de 66.692 professores e só tem 2.894. E enquanto o Directorio se entrega de corpo e alma ao clero, por outro lado persegue os espíritos livres e os operários enchendo as prisões.

Os liberais espanhóis, desejando que seja autorizado o congresso do seu partido, afirmam que "se não puderem agir dentro da lei, agirão fora dela".

Como noticiámos há dias, o Directorio espanhol julgara poder atemorizar a oposição, organizando aquela grande homenagem que custou 10 milhões de pesetas. No dia seguinte Primo de Rivera fez saber a toda gente, que a sua ditadura duraria quinze meses mais — ao princípio pedira só cinco dias para pôr a Espanha a direito — e ao mesmo tempo prometeu que faria em Marrocos a ligação de Tetuão com Larache, mas a situação nesta zona continua sendo inquietante.

Além destes contra-tempos agora os chefes do partido liberal procuram por todas as formas obter a liberdade de reunião. Parecendo que não, este facto é bastante importante, pois até hoje os liberais, como aliás os conservadores e as outras fracções políticas, tinham aceite, com uma certa resignação, o regime directorial.

Os liberais que não fizeram nenhum movimento de protesto, nem quando Alba foi enviado a um conselho de guerra, nem quando o livro de Romanones foi apreendido, nem quando o general Berenguer foi lançado numa fortaleza nem tão pouco quando foram tomadas medidas arbitrárias contra Unamuno, Soriano, Blasco Ibañez, etc., têm agora um gesto cuja importância seria superfluo contestar.

Reinidos em casa de Romanones, reivindicaram a faculdade de se reunirem em congresso. Afirmaram além disso, que se não puderem agir dentro da lei agirão fora dela.

Abd-El-Krim ameaça seriamente a linha espanhola.

Por ordem do chefe dos rifenhos o Raisul foi transferido para Chechauen. Os contingentes rifenhos, bem como os Djebalas revoltos, desceram para a região de Arzela, ameaçando assim a estrada de Tanger para Larache. Parece que é intenção deles atacar a linha espanhola que é bastante fraca neste ponto e separar assim a zona de Tetuão da de Larache.

OS QUE MORREM

Celestino Pinheiro

Realiza-se hoje, 14 horas, o funeral do operário Celestino Pinheiro, vítima dum queda ao porão do vapor "Pôrto Abaixo", fundado na Rocha Conde de Obidos, caso a que A Batalha fez referência.

Uma comissão de amigos do finado pede a todos os camaradas que deseguem ou possam a acompanhar o funeral, que sai da casa mortuária do hospital de São José para o Alto de São João.

PELA POLÍTICA

A posse do novo governo

Os nacionalistas vão atacar no Parlamento o Chefe de Estado.

O governo que antecedeu tomou posse está assim constituído:

Presidência e Finanças—Vitorino Guimarães.
Interior—Vitorino Godinho.
Justiça—Adolfo Coutinho.
Guerra—Vieira da Rocha.
Marinha—Pereira da Silva.
Estrangeiros—Pedro Martins.
Colónias—Correia da Silva.
Comércio—Ferreira de Simas.
Instrução—Xavier da Silva.
Trabalho—Sampaio Maia.
Agricultura—Amaral dos Reis.

A posse foi-lhe transmitida pelo chefe do governo, transacto, dr. sr. José Domingos dos Santos que, entre outras, fez as seguintes afirmações:

"Sai de cabeça bem alta e disposto a lutar pela sua obra. Entende que ela é a melhor dentro da República. Em volta das frases que pronunciou e pelas quais derrubaram o seu ministério, agrupam-se 50.000 pessoas que as levantam como sua bandeira. Afirmou que estava ao lado dos explorados contra os exploradores. Saindo do ministério está disposto, dentro e fora do Parlamento, a fazer virar a sua ideia. Afirmou também que a força pública não servia para espantear o povo. Está certo que não há republicano convicto que possa combater a sua afirmação. O próprio comandante da G. N. R. está dentro convencido e tanto assim é que entrou no governo disposto a manter o significado dessa expressão. Não quer a República subjugada a oligarquias financeiras, nem a qualquer espécie de reacção."

O dr. sr. José Domingos dos Santos declarou também que apoiaria o sr. Vitorino Guimarães se este seguisse a orientação do governo a que ele presidia.

O sr. Vitorino Guimarães, presidente do novo ministério afirmou que só tinham tido o seu apoio os governos que têm pretendido fazer uma obra verdadeiramente republicana no campo político, verdadeira e sinceramente radical no campo económico e financeiro. Por ter essa opinião é que convidou em primeiro lugar para a pasta das finanças o sr. Pestana Júnior, que a preencheu no gabinete transacto.

Os campos estão extremados entre os portugueses: dum lado se alinham as "forças produtoras de Portugal" e do outro os que consomem e não vendem, trabalham e não lucram.

Disse ainda que, se do campo económico algumas classes quizerem desviar a discussão para horizontes onde as liberdades se perdem e as violências não podem ter conhecimento fim, o governo intervirá de maneira a não consentir abusos.

Os nacionalistas vão apresentar ao parlamento uma questão prévia alvejando o presidente da República a fim de o obrigar a demitir-se, pela votação que ela tenha ou pela maneira como ela venha a ser discutida. Invoca-se como pretexto para esta refrega política a maneira como o chefe do Estado resolveu a última crise ministerial. Parece, porém, que a questão prévia não será apresentada em nome do partido nacionalista, embora sejam deputados a ele pertencentes quem a apresentarão.

CAMARA MUNICIPAL

Construção de prédios

Em sessão da comissão executiva da Câmara Municipal foi aprovado um regulamento com carácter provisório, sobre a fiscalização de construções, que deverá ser apreciado pelo senado municipal. Segundo esse regulamento nenhum prédio, quando tenha alicerces ou caboucos, poderá prosseguir sem ser verificada a sua resistência. A fiscalização deve tomar medidas imediatas quando uma construção não tenha a necessária segurança ou exija modificações.

Estábulos municipais

A junta de freguesia de São Julião resolveu contribuir com 1.200\$00 para a obra dos Estábulos Municipais. Vão ser montadas desde já, além do posto de recepção, pequenas maternidades, para fornecerem leite gratuito às crianças pobres, no Bairro Alto, Mouraria, Alfama, Alcântara e Estrela.

Teatro Nacional

HOJE E ATÉ SEXTA-FEIRA

A LINDA COMÉDIA DICKY

Sábado, 21: a hilarante peça

INGLESES

Domingo, 22: a delicada

HORA DE AMOR

Segunda-feira, 23:

repete-se o DICKY

Terça-feira, 24:

INGLESES

Noite de alegria foi a de domingo com

2 BAILES DE MÁSCARAS 2

um no Salão Nobre e o outro na sala

de espectáculos, abrihantados por 2

bandas de música

Sábado, domingo, segunda

e terça-feira

4 GRANDIOSOS BAILES 4

Segunda e terça em "matinée"

BAILES INFANTIS

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

VIDA ANARQUISTA

Grupo "Terra Livre"—Reúne hoje, às 20 horas.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Apolo

"Mola real", revista de António Torres e Fernando Ferreira, música de Luz Júnior e Bernardo Ferreira

Voltando ao velho regime de revistas por sessões, inaugurou a Companhia Popular de Revista, os espectáculos do Apolo com a peça em 2 actos e 8 quadros "Mola real", de António Torres e Fernando Ferreira com música coordenada e original de Bernardo Ferreira e Luz Júnior.

O cronista vê-se já em sérios embargos para dizer qualquer coisa sobre teatro de revista, tão explorado está e porventura tão decadente. E a verdade é que os autores têm de subordinar muitas vezes o seu trabalho à predilecção das plateias deste género, em geral, com mágoa o dizemos, amante de ditos pesados e desinteressados do que podia servir de pretexto à exibição de "números" galantes e à valorização de episódios que constituem a vida intensa dos grandes meios de população. Em "Mola real" não se dá positivamente o espectáculo indecoroso dum sucesso desenhado de frases pornográficas para que já se devia de há muito ter sido lançado ao lixo.

"Mola real" para muito público talvez pegue por isso mesmo. A revista tem a defendê-la a modestia com que está posta, modestia de vestuários, simplicidade de monólogos e inofensiva crítica. Se a empresa nos apresentasse "Mola real" com alardes de magnificência, naturalmente, neste momento, estaríamos a zurrá-la, mas assim se não fez e nessa proporção temos de reconhecer a como lhe pertence. Sobre o desempenho, gostosamente assinalamos, em primeiro plano, o trabalho diligente, simpático de José David, "compère" improvisado que tomou em seus ombros a não pouco farta tarefa de acrescentar de ditos próprios chistosos o que os autores escreveram, depois Alberto Gilra que disse bem a rábula "O boato". José Moraes honrou de interpretação a "Caricoca", e "Chiaffeur". Dos elementos femininos destacou-se, além da primeira figura Elisa Santos, Guilhermina Paiva, que é uma boa voz para revista, o que foi reconhecido pela plateia fazendo-a bisar, com calor, a "Gigolette do Amor". Evan Viçoso fina e gentil. A bailarina Czernova ouviu aplausos nos seus bailados.

NOGUEIRA DE BRITO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Viana da Mota no concerto n.º 2 de Brahms

Embora a 8.ª sinfonia de Beethoven represente, quando uma orquestra a executa, um pretexto para admirar justamente o talento de Beethoven, tão variado nessa renda finíssima que é o ciclo das suas nove sinfonias, o que é certo, a pesar da regular execução da Orquestra Sinfónica Portuguesa, é que toda as atenções se concentravam de antemão no concerto em si bemol de Brahms, confiado às mãos prodigiosas do pianista Viana da Mota.

Não é possível, no estreito limite dum crónica diária, dar uma ideia da beleza que encerra a preciosa página que é o concerto n.º 2 do grande músico alemão que, com os noruegueses Suenens e Grieg, constitui uma magnífica trindade que encham de talento a segunda metade do século XIX. Brahms, recebendo de Schumann a delicadeza melodista, não se deixou ficar por aqui, e deu-lhe vigor, colorido originalíssimo, por forma a tornar célebres os seus *lieder* e músicas de câmara.

Viana da Mota foi evidentemente o interprete desejado para página de tamanha responsabilidade. Do Bechstein em que tocou arrancou efeitos de sonoridade admiráveis, atingindo contrastes de ritmo que impressionaram vivamente o auditorio, incontestavelmente maravilhado com a pureza de notas que o distinguissimo pianista conseguiu. A técnica do compositor correspondeu inteiramente o interprete, achando igualmente o justo sentimento do concerto do que não é fácil apoderar-se quem não possua o talento do nosso grande pianista.

N. B.

O Festival dos "Chauffeurs" no Coliseu

E' efectivamente hoje, como se tem anunciado, que se realiza no Coliseu dos Recreios, o grandioso sarau artístico, promovido por uma comissão de "chauffeurs", e dedicado ao Automóvel Club de Portugal, Ateneu Comercial de Lisboa, Ginásio Club Português, Lisboa Ginásio Club, e Club de Foot-Ball. "Os Belenenses", revertendo 50 0/0 do seu produto para o Fundo da Instrução da Associação dos "Chauffeurs" do Sul de Portugal.

Academia de Amadores de Música

Na próxima quinta-feira, às 21 horas, no salão desta academia, realiza-se um festival pelos alunos, cujo programa, consta de música, canto e recitativos.

O Nacional dá a sua segunda festa carnavalesca, sábado, representando-se a hilarante comédia "Ingleses", de Lord Tavares, seguindo-se-lhe um estranho baile de máscaras, que se repetirá domingo, segunda e terça-feira; até lá, fixe no cartaz o "Dick".

— Ontem, fizeram no Apolo a sua estreia, as distintas artistas Alida de Sousa e Eliza Correia, que o público aplaudiu com entusiasmo. "A Mola Real" vem duas sessões, a preços populares, um estranho baile de máscaras, que se repetirá domingo, segunda e terça-feira; até lá, fixe no cartaz o "Dick".

— Durante o Carnaval, haverá no Apolo espectáculos a preços populares, e divertimentos no salão, e no palco, abrindo, para esse fim, uma hora antes, e fechando uma hora depois dos espectáculos.

— A revista "Fruite proibidos", continua triunfante no Eden Teatro, conquistando os aplausos do público, que se farta de rir com os comentários do Gomes, da Trindade, o gracioso compadre da peça. Há a maior animação pelas diversas carnavalescas, que se iniciam no sábado deste teatro, havendo também ali, além dos espectáculos, deslumbrantes bailes de máscaras, nas noites de domingo, segunda e terça-feira.

DICKY

É o alegre DICKY que constitui o espectáculo desta noite, no Nacional. Nada mais é preciso dizer-se, para que ali devam afluír numerosas famílias que escrupulosamente escolhem os seus divertimentos.

Agremiações várias

Centro Socialista.—A direcção tendo conhecimento que estão sendo distribuídos bilhetes para uma festa que se deverá realizar na sua sala no próximo dia 19 do corrente, declara publicamente que não tem conhecimento de tal festa, não tomando portanto qualquer responsabilidade.

DESPORTOS

Fora da Mouche...

Um robusto... crítico desportivo, dum diário da capital com os seus créditos já bem formados, possuindo por isso boa cotação no mercado, pregou ontem uma partidinha, própria da época, aos seus numerosos admiradores, remordendo num pretenso novel crítico que em A Batalha—julgou ele—se atreveu a emitir considerações irreverentes sobre o valor da equipa portueza, apresentada em Lisboa no último encontro inter-cidades.

O novel crítico, meu caro colega—com sua licença (?)—não se enfeitou nunca com penas de pavão, apresentando como sua, prosa que a outro pertence... e daí o não poder, com grande pesar vosso e dos admiradores, aceitar a paternidade de opiniões expandidas pelo seu antecessor, que também não é criatura que deixe os seus créditos por mãos alheias...

O novel crítico, meu caro senhor, que não é culpado de lhe ser antipático, ainda não se atreveu a dar ensino a que os vossos largos conhecimentos o reprimendam; entretanto parece que já o perturbou ao ponto de originar jôgo perigoso, precipitando-se nos vossos "comentários"... de maneira a errar o alvo, disparando, sem poder, ainda desta vez, acertar na mouche...

Há já três... e nada!

Tenha paciência.

Benfica-3, Vitória-0 — Carcavelinhos-Chalas 2-2

Com o campo impróprio para um bom jôgo, devido ao mau tempo e com uma regular concorrência de público, efectuou-se no domingo, no Campo Grande, o quinto jôgo da segunda volta para o campeonato de Lisboa, da 1.ª e 2.ª divisão.

A primeira luta, travada entre o Chelas e o Carcavelinhos, proporcionou à assistência uma surpresa, pois que lhe foi dado observar o predomínio do primeiro, que em boas jogadas lá infligindo ao melhor classificado a sua primeira derrota.

Carcavelinhos jogou mal, conseguindo ser inferior ao seu adversário, que, um tanto prejudicado pelo arbitrio, sr. João dos Santos, marcando deslocações imaginárias, e também pela pouca sorte, viu o seu esforço assinalado apenas por um empate conseguido do Carcavelinhos nos dois últimos minutos de jôgo.

No grupo chelense destacou-se a defesa, especialmente o seu guarda-redes, culpado embora do primeiro ponto sofrido, os médios actuaram bem, salientando-se o direito, que interceptou muito jôgo e auxiliou a sua aza e o centro da linha avançada, que com um pouco mais de serenidade, teria consolidado a vitória.

Do Carcavelinhos os avançados conduzindo bem, mas com mau remate produziram de bom o segundo ponto; médios e defesas fracos em relação ao habitual.

Às 15.30 sob a arbitragem de Jorge Vieira, que dirigiu a contenda, é dado começo ao encontro Benfica-Vitória, alinhando ambos os grupos com alterações nas suas linhas.

O Benfica, sem o seu melhor defesa Pimenta, e extremo esquerdo Hugo Leitão, que são substituídos respectivamente por Vitor Hugo e A. Augusto, ressentiu-se bastante no conjunto. No Vitória, com a falta de Cambalhacho e Matias Carlos, não se notou inferioridade na substituição, porquanto fez uma exibição boa, em nossa opinião a melhor desta época, não marcando como merecia devido à excelente acção de F. Vieira, que executou pelo menos três defesas brilhantes.

O triunfo do Benfica foi justo pelo seu grande esforço, conseguindo assim libertar-se definitivamente do último e propórcio candidato ao segundo lugar. A sua linha avançada ligou mal, perdendo muito jôgo que o centro J. Tavares inteligentemente distribuiu aos extremos que pouco produziram, tendo sido aquele jogador vermelho quem, com dois remates, bem colocados, originou os dois pontos que garantiram a vitória, já esboçada no princípio do jôgo, com o ponto obtido por A. Augusto.

Os médios bem, sobretudo V. Gonçalves que teve uma primeira parte excelente e Domingos de segundas categorias que, jogando pela primeira vez um desafio de responsabilidade, procurou com vontade e conhecimentos fazer o lugar. V. Hugo substituiu como pôde e soube a falta de Pimenta, auxiliando eficazmente os seus colegas na defesa.

O Vitória, como já dissemos, trabalhou bem, com muita homogeneidade, conduzindo excelentemente o jôgo, eficazmente coadjuvados pela linha intermédia, sendo dignos de menção dois formidáveis remates de J. dos Santos que Vieira defendeu em extremo. Merecem marcar, o que não conseguiu por infelicidade. A defesa apresentou-se mais segura e tranquila que ultimamente, não sendo as bolas, que sofreu, possíveis de defesa por parte de Viegas, que se evidenciou, por vezes a merecer aplausos.

Pôrto-Braga

Na segunda mão efectuada no domingo, em Braga, triunfou novamente o Pôrto por 3-1.

Segundo informações a equipa de Braga jogou melhor, tendo o Pôrto conseguido os dois pontos, que lhe garantiram a superioridade, no último quarto de hora de jôgo.

Teatro Apolo
HOJE E SEMPRE
2 sessões às 8,30 e 10,30 da noite
com
MOLA REAL
a hilarante revista
NÚMEROS BISADOS:
A Franesinha com ELISA SANTOS e a Gigolette de Amor com GUILHERMINA PAIVA

'A Batalha' na provincia Ponte de Sôr

Um delegado do governo estúpido e mau

PONTO DE SOR, 11.—E' demais a forma vergonhosa, como o «eterno» delegado do governo nesta localidade, o infame explorador José Sabino Fontes, está espelhando o povo, a acrescentar ao súdio que temos publicado a respeito de tal farrante, temos mais a seguinte proeza:

Encontra-se aqui há quatro semanas, uma pequena companhia dramática que se propunha dar uns espectáculos nesta localidade.

O seu director Elias da Silva Batalha, durante uma semana nada mais fez que solicitar do governo a respectiva licença. Mas o sr. Freitas viu, neste caso, uma boa ocasião para se proclamar também o Deus das misericórdias e vá de exigir que o Silva pague adiantadamente 100\$00 para o hospital, por cada espectáculo.

O Silva diz ser isso um absurdo e o delegado do governo acaba por negar, terminantemente, a licença, privando assim do pão uma casa de família.

O Elias da Silva Batalha, encontrando-se com a família numa aflição situação e constando-lhe que um grupo de trabalhadores andava ensaiando para uma recita em benefício do Sindicato da C. Civil, dirige-se lá a pedir auxílio. Os trabalhadores auxiliaram o homem monetariamente e nomearam uma comissão para se avistar com o delegado do governo e conseguir o que lhe fosse possível a favor do Silva.

Pois a comissão fez bastantes «demarches» perante o sr. Fontes, e nada conseguiu, ficando, portanto, uma família a morrer de fome, sob a responsabilidade do delegado do governo.

Ultimamente dizia que não autorizava para manter o seu brio de autoridade...

Como estas palavras enojam a quem conhece as proezas do sr. Fontes!

Na última entrevista que a comissão de trabalhadores teve com o delegado do governo, este demonstrou, claramente, todo o ódio que lhe vai na alma contra o Sindicato e, sobretudo, contra A Batalha, por causa dos comunicados que têm sido publicados a respeito dele.

Chame o autor das correspondências ao tribunal para af se tudo bem provado, não accuse o Sardinha nem o Sindicato, nem nenhum mais, de serem correspondentes de A Batalha, porque o verdadeiro não se descobre, por enquanto, pois que mais facilmente consegue o que deseja saber.

Chega-nos ao conhecimento que o camarada Antonio Pereira Fresco abriu uma subscrição para o Silva Batalha, e que o delegado do governo quiz dar 25\$00 para a sua vitima! Mas que significa isto?

Dar-se há o caso que o pobre do sr. Fontes fosse atacado de alienação mental?—(C.)

Olhão

As «forças vivas» movimentam-se

OLHÃO, 10.—As «forças vivas» desta vila, têm agora reunido amudamente a porta fechada, claro está—não consentindo ninguém nas suas reuniões que não seja lá da cor.

No dia 4 do corrente vários operários electricistas que trabalhavam na sua sede, foram obrigados a largar o trabalho para pagarem no dia seguinte. Ontem a reunião esteve bastante concorrida, tendo até vindo de Faro alguns «forças vivas» de automóvel assistir a ela. A mesma foi marcada para protestar contra o encerramento da Associação Comercial e Industrial de Lisboa, tendo hoje os comerciantes encerrado meia porta dos estabelecimentos e os industriais e armadores pôsto as bandeiras a meia haste.

Como em várias hastes se encontrassem algumas bandeiras nacionais uma comissão de operários entrevistou a autoridade administrativa e marítima que imediatamente as mandou arriar.—C.

<

A BATALHA

O povo não deve esmorecer na sua luta contra as oligarquias financeiras e políticas. É necessário que continue até conseguir abater pretensões absurdas e criminosas daqueles a quem a avidez do ouro dementou.



Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Direito sindical dos funcionários franceses

Acção do reconhecimento do direito sindical dos funcionários o ministro do interior, fez expedir uma circular na qual recorda que em Junho último o presidente do conselho, Herriot, em sua declaração ministerial afirmou a vontade do governo em reconhecer aquele direito ao funcionalismo. Para aplicação desta doutrina os membros do governo têm condescido com os representantes dos sindicatos dos funcionários sobre problemas referentes a condições de trabalho, vencimentos e interesses gerais.

Recomenda, como conveniente, que os chefes dos serviços departamentais não tenham dúvida em estabelecer relações com sindicatos locais de funcionários, sob pretexto de instruções antigas hoje sem justificação de existência. Estima o governo francês para boa marcha dos serviços e da vida social o estabelecimento dessas relações de confiança.

Um congresso de funcionários alemães

Promovido pela Federação Alemã das Associações de Funcionários—na qual estavam filiadas, em Setembro último, 72 associações com 800417 sócios realizou-se o IV congresso nacional. No discurso inaugural dos trabalhos o presidente Fügler recordou que o último congresso (1922)—produziu a scisão da esquerda federativa, motivada pelo desejo da Federação em observar uma estrita neutralidade política, no que estava em desacordo a Federação quase em geral. Apesar das tentativas feitas, tem sido impossível reconciliar as partes divergentes.

Neste último congresso foi aprovado um novo programa de acção pelo qual a Federação defenderá a constituição do Reich. Depois, formulou as reivindicações sociais dos funcionários, e declarou que todos os organismos do funcionalismo podiam contar com a colaboração da Federação sem que esta abandonasse a sua atitude neutral em matéria política e religiosa.

Outro Congresso de burocratas na Tchecoslováquia

Em Setembro reuniu em Praga o Congresso da União dos Empregados e Funcionários do Estado. Pelo secretário Pleskot foi participada que a crise de associados provocada pela scisão dos comunistas estava quase vencida. Actualmente a União conta com 54 grupos dirigidos por um secretário geral e cinco secretários departamentais. Foi resolvido no Congresso o solicitar o aumento do prémio do seguro social para os empregados da administração pública; a revisão equitativa dos salários; a imediata elaboração de um novo regulamento geral e o aumento de pensões aos reformados. Finalmente o Congresso resolveu agir em favor de uma organização única de todos os funcionários.

Taverly, secretário geral, fez ressaltar a importância dos funcionários considerados elementos de união com o operariado.

Vencimentos ao funcionalismo austriaco

No começo do semestre passado, o parlamento austriaco discutiu um projecto de lei sobre vencimentos aos funcionários. Apesar da opposição dos organismos dos funcionários foram incorporadas no projecto as modificações sugeridas pelo Comissário Geral da Sociedade das Nações.

Essas modificações são concernentes à fixação dos anos de serviço para reforma e vencimentos sobre os quais deve incidir o cálculo. Teve o governo dificuldade para conseguir a votação do projecto visto combatido o partido social-democrata.

Pela nova lei ficam sendo mais sensíveis as diferenças de vencimento entre as categorias. Actualmente os vencimentos dos funcionários superiores aumentaram 61% sobre os de antes da guerra, e os funcionários intermediários entre 66 a 72%. Dos subalternos não sofreu modificação. Ainda que o legislador se proponha melhorar a situação dos funcionários, estes não ficaram satisfeitos.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Litógrafos e anexos

Para tratar da presente crise de trabalho reúne hoje, pelas 20 horas, os operários litógrafos, devendo comparecer os camaradas desempregados.

Comício público

É hoje, pelas 17 horas em ponto, que se realiza o comício dos industriais, comerciantes, construtores e operários ligados à construção civil, e que estava anunciado para o dia 9 p. m. mas que em virtude da queda do governo ficou transferido para hoje.

O aludido comício terá lugar na rua Coelho da Rocha, 36. Após o comício, seguir-se-á ao parlamento a pedir providências para que sejam suspensas todas as execuções, e que sejam imediatamente concluídos os prédios iniciados.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O aniversário da «Nova Vojo»

Comemorando o 1.º aniversário da Sociedade Esperantista Operária «Nova Vojo» realiza-se na próxima quarta-feira, na sede R. do Mundo, 81, 2.º, às 8,30 horas uma sessão pública sobre o Esperanto, na qual usará da palavra Alfredo Marques, José Maria Frazão, Costa Junior e Jorge Teixeira.

Pierlanta esta sessão a Tuna da «Troupe de Pierlanta Os Serenos», que executará alguns números de música, incluindo algumas esperantistas.

A comissão administrativa convida todo o proletariado a assistir a esta sessão, concorrendo assim para o brilhantismo da mesma.

CONTRA O MOVIMENTO DAS «FORÇAS VIVAS»

O povo continua manifestando a sua aversão à União dos Interesses Económicos

A organização operária em face da União dos Interesses Sociais

Com grande número de delegados, reuniu ontem o conselho de delegados da U. S. O., ocupando-se da participação deste organismo operário na União dos Interesses Sociais.

Depois de usarem da palavra vários delegados, foi aprovada a seguinte moção: «O Conselho de Delegados da União dos Sindicatos Operários, que tem estado tacitamente representada na Comissão Organizadora da União dos Interesses Sociais, apreciando a próxima e definitiva constituição desse organismo, resolve aguardar a redação das suas bases para depois as apreciar e analisar se poderá, sem atirar o pretexto de luta de classes colaborar na acção a dispendir pela U. I. S.; resolve acompanhar a mesma U. I. S. em toda a acção contra as «forças vivas» desde que ela não colida com o U. S. O. e resolve ainda prosseguir independentemente na campanha anteriormente iniciada pela U. S. O. e em harmonia com os decisões da C. G. T.»

A organização metalúrgica contra o movimento da U. I. E.

No passado domingo reuniram em conjunto, no Sindicato Metalúrgico de Lisboa, a Federação corporativa, comissão administrativa, conselho técnico e secções sindicais, tendo-se ocupado do movimento da União dos Interesses Económicos.

Todos os oradores combateram calorosamente os desenhos das «forças vivas», sendo aprovada a seguinte moção:

«Considerando que a organização operária e outros agrupamentos partidários se manifestaram pacificamente em cortejo ao presidente da República no dia 13 de Fevereiro de 1925, protestando contra a União dos Interesses Económicos; que neste momento e mais que nunca a parasitagem exploradora do povo, sob o nome de «forças vivas» da nação, se conlui para trair impunemente sobre a situação dos escravos do trabalho; que a função governamental e patronal já não beneficia à classe trabalhadora; que a sociedade capitalista se apoia no direito da força, contra a legítima força da razão; que o parlamento é uma burla como burla a toda a acção, estatal:

Os militantes metalúrgicos, reunidos, resolvem: 1.º, saudar todos os metalúrgicos e demais classes que acorreram em massa à manifestação; 2.º, fazer um apelo à classe para secundar qualquer movimento de protesto ou revolta em favor das liberdades, por meio dum manifesto e ao povo em geral dentro dos princípios socialistas revolucionários; 3.º, que os delegados metalúrgicos ao conselho confederal aborem determinados pontos que se prendem com o movimento de protesto e organização operária.

Uma enérgica manifestação de protesto em Cascais

CASCAIS, 14.—Foi devesa significativa a manifestação de protesto contra as «forças vivas», a pesar da chuva que caiu abundantemente. As 21 horas a manifestação pôs-se em marcha. Ao passar em frente da Associação Comercial os manifestantes fizeram sentir o seu violento protesto. Nessa altura falava o delegado Carlos de Oliveira, tendo perpassado pelos assistentes, um grande calafrio. A porta estava a polícia e ao cimo da escada alguns dos chamados «tesos».

Depois de entregue uma mensagem ao delegado do governo, a multidão dirigiu-se de novo à sede da Associação. A multidão, o delegado do governo e algumas pessoas moderadas, conseguiram evitar o assalto. A chuva, que caía em abundância, ia pondo em debandada os manifestantes. Entretanto, o sino da Câmara tocava a rebate, mas ainda se evitou o assalto. Chegou depois uma força da guarda republicana que protegeu a saída dos comerciantes, que foram valados com gritos de «abaixo os ladrões!» «Morram os gatinhos!»

Nas estações estavam soldados da guarda republicana para evitar que os comerciantes fossem atacados.

O povo trabalhador do concelho de Cascais acha-se disposto a não deixar reunir a União dos Interesses Económicos em qualquer local deste concelho.—C.

Uma sessão de protesto em Marvila

A convite da comissão de propaganda da Secção Juvenil do Beato e Olivais realizou-se amanhã, pelas 20 horas, na Associação dos Corticeiros de Lisboa, rua de Marvila, 57, uma sessão de propaganda contra as «forças vivas», devendo usar da palavra delegados da C. G. T., U. S. O., F. J. S. e dos organismos da área.

O operariado de Guimarães vai marcar a sua atitude

GUIMARÃES, 14.—Reuniu a União dos Sindicatos Operários para apreciar a circular dimanada da C. G. T. sobre o movimento da U. I. E. e crise de trabalho, ficando resolvido, depois de alguns membros desta mesma União se pronunciarem sobre o assunto, editar um manifesto e promover uma sessão magna das classes trabalhadoras desta cidade, onde ficará resolvido o caminho que há a seguir perante as ameaças das «forças vivas» e esperar indicações da C. G. T. sobre qualquer movimento de carácter nacional que venha a realizar.

Para esta reunião esperam-se delegados do Comité de Propaganda Confederal do Norte, esperando-se também grande concorrência, dada a natureza do assunto a tratar.—E.

Um comício de protesto em Cascais

CASCAIS, 16.—Como estava anunciado realizou-se ontem o comício em Cascais, promovido pelos sindicatos da construção civil.

Assistiram delegados da Confederação Geral do Trabalho, Federação da Construção Civil e muitos camaradas de Tires e Paredes.

Devido à chuva foi resolvido que o comício se realizasse na sede da Associação da

Construção Civil, enchendo-se por completo a vasta sala e escadaria. As 16 horas, foi aberto o comício.

João Miranda, delegado da Federação da Construção Civil, refere-se largamente à crise de trabalho e aos maneios das «forças vivas», tendo palavras de ataque a todo este estado de coisas, terminando por aconselhar todos os trabalhadores a ingressarem nos seus sindicatos profissionais, pois que só com uma forte união poderemos fazer prevalecer as nossas reivindicações.

Quirino Fernandes, ataca os políticos que fazem o jogo das «forças-vivas», salientando António Maria da Silva e Cunha Leal, legítimos representantes de banqueiros e companhias, dentro do parlamento.

Artur Moreira Sabido, da construção civil de Tires, aconselha todos os presentes a que se organizem para defender as regalias que a custa de muitos sacrifícios foram conquistadas.

José Casquilho manifesta-se contra todos os políticos que só servem dos trabalhadores para os guindarem às cadeiras do poder; aconselha todos os presentes a absterem-se de votar.

Eduardo Pires, ataca a Liga dos Interesses Económicos, e lê uma moção que conclui por propor que seja nomeada uma comissão para ir junto do delegado do governo para que este não autorize as reuniões da Associação Comercial. Esta proposta não foi aceite pela assistência por reconhecer o direito de reunião para todos.

João da Silva referindo-se às intenções das «forças-vivas», diz ser necessária uma forte defesa, e isso só se consegue dentro dos sindicatos profissionais.

Avellino Teodoro, de Tires, lamenta que a juventude abandone os sindicatos em troca de divertimentos.

João Seguro, ataca as «forças-vivas» e aconselha os explorados a estarem vigilantes com as «forças-vivas» que se preparam para roubar as poucas regalias que a custa de muito sangue foram conquistadas; aconselha todos a lerem o órgão dos trabalhadores A Batalha, pois que ele defende os interesses dos explorados, contra os exploradores.

Artur da Costa Pereira, do sindicato de Cascais, congratula-se por ver presentes camaradas fardados; dirigindo-se a estes diz que nunca devem empunhar as armas homicidas contra seus irmãos.

Manuel Nunes, da Confederação Geral do Trabalho, começa por se referir à crise de trabalho que lava em todo o país, dizendo que se não pode compreender que exista uma crise quando tudo está por fazer. Referindo-se aos maneios das «forças-vivas» aconselha o operariado a estar alerta e a ir preparando a defesa, por que depois já será tarde para se defender.

Diz não concordar com a moção que está na mesa, para que uma comissão vá pedir o encerramento da Associação Comercial, por que isso é anti-libertário.

Foi aprovado uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Reclamar do delegado do governo e Câmara Municipal, medidas imediatas para atenuar a crise de trabalho;

2.º Iniciar por todo o concelho sessões de propaganda sindical e de acordo com os organismos centrais, e caso o governo não atenda à crise de trabalho, ir-se até à greve geral;

3.º protestar com indignação contra a Liga dos Interesses Económicos, pela razão de pretender levar os trabalhadores a mais degradada miséria e a uma feroz ditadura;

4.º Saudar neste momento todas as vítimas da tirania capitalista.

Também foi aprovado um protesto contra o jornal O Século, pelos insultos dirigidos às classes trabalhadoras.

Encerrou-se o comício aos vivas à C. G. T. e à A Batalha.—E.

No bairro da Ajuda

Os operários resolvem não retomar o trabalho sem que sejam readmitidos 13 operários despedidos sem razão

Reuniram ontem à noite todos os operários que trabalham nas obras das casas económicas da Ajuda para apreciar as «demarches» encetadas pelos delegados do S. U. C. Civil sobre o conflito levantado entre estes operários e o engenheiro das ditas obras.

Falaram os delegados do S. U. C. Civil Alexandre de Assis e Guilherme Artibeiro que expuseram à assembleia todos os trabalhos que fizeram nesse dia. O sr. Craveiro Lopes, engenheiro da obra mostra-se irredutível em admitir os sete operários que despediu no sábado aumentando esse despedimento com mais seis operários que eram aqueles que faziam parte da sub-comissão tendo por fim ficado estabelecido entre os delegados e o dito engenheiro que em vista dos operários serem despedidos, manteria também suspensos os três operários que esse senhor tinha feito encargar, fazendo por isso uma sindicância aos actos desses encarregados. Falaram ainda vários operários que protestaram contra a atitude do engenheiro que quer por todas as formas proteger um assunto que devia já estar arrumado para honra dos operários.

Por fim foi resolvido que todos os operários não retomassem o trabalho sem que os seus camaradas despedidos fossem readmitidos, resolvendo-se mais ficar em sessão permanente até resolução do conflito.

O Sindicato Unico da Construção Civil recomenda aos operários da indústria que não vão para ali trabalhar a fim de não ser traída uma causa justa.

Sindicato Unico Metalúrgico

A comissão organizadora de festas do Sindicato Unico Metalúrgico promotor de certame de cegadas na sede deste organismo no próximo sábado, pelas 21 horas, convida as cegadas abrangidas na boa moral a virem junto desta comissão a fim de se inscreverem por ordem numérica na devota altura. É necessário o tema para ser publicado na imprensa e fechar-se a inscrição em tempo oportuno.

Em defesa do horário de trabalho

Um conflito entre operários da construção civil

As lutas de reivindicação para a jornada de 8 horas, assumiram entre o operariado da construção civil um carácter aguerido, podendo afirmar-se que foi a classe que maior calor revolucionário emprestou para a sua consecução.

A tradição vivida ainda em toda a pujança, é por vezes empedecida pela acção inconsciente de alguns operários que, sem respeito pelas páginas sangrentas do movimento de reivindicação, procuram trair o horário, tão valorosamente conseguido.

Vários conflitos se veem esboçando, alguns de certa gravidade, em defesa dessa jornada operária.

Ontem, porém, assumiu maiores proporções nas obras do Teatro do Gimmásio, onde é mestre Joaquim Tojal.

Os operários ali empregados vinham de há tempos executando horas suplementares. Ontem, quando um numeroso grupo de operários da mesma classe verberava o seu procedimento, trocaram-se apertes violentos.

De aí resultou travar-se uma verdadeira batalha, de consequências pouco satisfatórias.

A Secção Profissional dos Pedreiros enviou-nos um protesto contra o atentado ao horário de trabalho, declarando não se responsabilizar pelas consequências que a sua obra de traição provocar.

Nas obras do Estado

Quando tantos operários da construção civil andam desempregados ainda há operários da mesma indústria que fazem horas suplementares.

O que há de mais revoltante nisto é que esse facto se verifica em obras do Estado, tendo este uma lei em que estabelece o horário de oito horas.

Pois nas obras de São Vicente há indivíduos que além dessas oito horas fazem mais duas. Isto não pode admitir-se porque é prejudicial ao que não têm onde empregar a sua actividade, como não pode admitir-se também que se verifique disparidade nos salários sem razão alguma justificativa, pois há operários, da mesma categoria, auferindo 1500 uns e 1500 outros.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Pias

PIAS, 11.—Realizou-se na Associação dos Trabalhadores Rurais uma sessão de propaganda sindical.

Presidiu Francisco Gonçalves Alfiante, que foi secretariado por Bento Batalha e Manuel Correia. O presidente expôs à assistência os fins da sessão, apresentando os delegados da Federação Rural e da C. G. T.

Em seguida dá a palavra a Joaquim Candeira, que, em nome da Federação Rural, explica os fundamentos da associação e as vantagens que esta pode trazer ao operariado. Incita os jovens que formavam a maioria da assistência, para que amanhã quando forem à vida militar não disparem contra os seus irmãos em conflitos com o novo. Encarece a necessidade de se organizarem, para se oporem à ganância das forças vivas que pretendem esmagar os trabalhadores.

Diz mais que os trabalhadores desta localidade devido à prisão de 2 camaradas tiveram medo, desviando-se da associação. Encoraja os presentes para que não receiem a burguesia, pois ela vendo o medo dos trabalhadores mais ainda os persegue.

O delegado da C. G. T. que se segue, começa por dizer que já tratou da situação deste sindicato devido ao seu encerramento, quando uma greve que houve neste concelho, com o administrador do concelho.

Referindo-se à Associação diz que abandoná-la é o mesmo que um filho esquecer a mãe. Entende que todos os camaradas deviam fazer com que as companhias viessem fazer com que estas conhecessem de perto a associação onde lhes pertence estar sindicadas. Salienta que entre os rurais e os operários da cidade não existe distinção, como em tempo o operário da cidade o considerou. Felizmente hoje o operário da cidade deseja ter relações com o operário do campo, estreitando os laços de solidariedade.

Combate a obra dos lavradores diz que eles só semeiam o suficiente para o seu consumo, porque lhes rende tanto esse pouco como se semeassem muito, pois colhendo muito farão baixar a mercadoria. É conveniente por isso que o operariado se organize para assim lhes opor a resistência conveniente. Aconselha a constituir os conselhos técnicos para estarem aptos a poderem conhecer as necessidades de produção e consumo. Termina aconselhando o sindicato a fazer-se representar no congresso rural.—E.

Secção telegráfica

Federações

MOBILIÁRIA.—U. S. Mobiliária do Porto—Segue o texto e recibos.

S. U. Mobiliária de Braga—idem, idem.

Associação de Classe dos Chauffeurs do Sul de Portugal

Convoco os sócios a reunir em assembleia geral ordinária no dia 20 de Fevereiro de 1925, pelas 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DOS TRABALHOS

Apresentação de relatórios e contas da Direcção e da C. D. M. da gerência de 1924.

Não comparecendo número suficiente de sócios, como precavida o estatuto, ficam desde já os sócios convocados a reunir em 2.ª convocação no dia 28 de Fevereiro à mesma hora.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1925.

Pela mesa da assembleia geral, o presidente—Francisco Nunes.

Aos Manufactureiros de Calçado Ajuntadeira

aceita trabalho em casa. R. Olarias, 65. 1.º Esq

Silves

Um fiscal do governo exemplar

SILVES, 14.—Reuniu a classe corticeira para apreciar, além doutros assuntos, a má fiscalização feita pelo fiscal do governo, no que respeita à saída de cortiça em bruto, para fora do país e da saída de cortiças que estão ao abrigo da lei, que proíbe a saída de fardos de aparas que não levem fazeças uma certa cortiça a lha chamam «am-paradeiras».

No dia 10 do corrente, a firma Manuel de Vasconcelos embarcou com destino a Portimão e para bordo do vapor que estava tomando carga, mil e trezentos fardos de aparas, nas condições acima expostas. Alguns camaradas, verificando no cais de Silves que esses fardos não estavam dentro da lei, imediatamente procuraram o fiscal técnico e o fiscal do governo, apresentando-lhe os seus protestos.

O segundo, depois de trocadas algumas impressões, respondeu que, «quem mais falou, mais perdeu».

Chamando a atenção da Associação Corticeira, a direcção resolveu enviar o fiscal técnico e mais alguns camaradas, a Portimão, para junto do posto alfandegário procederem como precavida a lei, tendo imediatamente o chefe da alfândega mandado proceder à apreensão desses fardos. O que fez então o fiscal do governo, conhecendo essa apreensão?

Foi a Portimão, e não sabemos por que artes mágicas, levantar a apreensão, e os fardos lá seguiram para o seu destino, ficando assim lesados os interesses da classe corticeira, e também do governo, que sustenta um funcionário que não cumpre com o seu dever.

A classe resolveu officiar no sr. Manuel Sequeira, que é o fiscal em questão, manifestando-lhe a sua repulsa pelo mau procedimento, officando também à Federação Corticeira, pedindo um delegado para estudar e apreciar o procedimento desse senhor.

Queixas e reclamações

Escreve-nos de Beja o «chauffeur» Joaquim Filipe Franco que há tempos ficou num desastre de trabalho sem um olho e sem uma orelha, relatando-nos a série de peripécias passadas com ele para conseguir modificar a irrisória pensão de 8885,5 que lhe foi atribuída. Como estava seguro pelo Consórcio dirigiu-se a Lisboa e soube que ele cessara de existir. Disseram-lhe que era a Aliança Seguradora quem pagava a pensão. Ali fizeram-lhe várias objecções que o forçaram a percorrer os escritórios dum rór de companhias que desviaram com toda a casta de argumentos a sua responsabilidade. Viagem a Lisboa infrutífera, passos e tentativas também infrutíferas, pois que ao cabo de tudo isso ficou sem saber a quem há de reclamar que seja modificada a ridícula pensão que recebe.

Não é este o primeiro caso que temos relatado em desabono das companhias de seguros.

SOLIDARIEDADE

Pró-João de Oliveira

Realiza-se no dia 21 de Março, no Salão da Construção Civil, uma grandiosa festa promovida por uma comissão de amigos em favor de João de Oliveira, preso por delito social. A comissão pede a todos os camaradas que levarem bilhetes para passar, para que não descuram a sua passagem.

Pró-Sebastião José das Neves

A secção profissional dos pedreiros do S. U. C. recebeu de João Baptista a quantia de 17365, produto de uma «quête» tirada nas obras da Casa Pia em auxílio do camarada Sebastião José das Neves.

A mesma secção apela para todos os camaradas que tenham listas com o mesmo fim para que venham entregá-las à sede da secção junto com os donativos recebidos.

Pró-Eduardo Jorge

Realizou-se ante-ontem a «matinée» pró-Eduardo Jorge, em que tomou parte o grupo dramático Ajuda-Club, representando com agrado «O gaio de Lisboa» e a Tuna Alfredo Ribeiro Teixeira, que teve uma bela execução. Destacaram-se no acto de variedades Luciano Marques e Júlio Prouença em canções à guitarra e Luciano Gonçalves Pinto, guitarra, acompanhado à viola por João Barradas, em motivos populares.

A comissão pede a todas as pessoas que ainda não liquidaram os seus bilhetes a favor de o fazer, o mais depressa possível, para poder encerrar as suas contas.

Barreiro

Anomalias do fiscal do governo

BARREIRO, 15.—Os operários corticeiros, reunidos em assembleia geral, protestaram contra a atitude do fiscal do governo da circunscrição de Évora, Enfilho Barrão, em virtude deste ter passado um certificado indevidamente legalizado. Autorisava o mesmo certificado a saída de uma remessa de 199 fardos de cortiça, com a marca P. M. & C., pertencente à firma Borrêgo & Irmão.

O certificado era de Évora e o despacho da remessa foi feito em Vendas Novas, encontrando-se a mesma há mais de um ano na fábrica dos srs. Borrêgo & C. Isto contra o precatado no decreto de 21 de novembro de 1910 que não permite que seja exportada cortiça com menos de 500 centímetros de circunferência.

Encarando a tremenda crise que os operários corticeiros atravessam neste momento, especialmente os quadradores, foi a remessa acima exposta apreendida no cais do Jardim do Tabaco pelo fiscal operário do Barreiro, acompanhando o mesmo o fiscal do governo da circunscrição de Lisboa, quando a remessa se destinava ao estrangeiro. Em face desta atitude pouco correcta do fiscal do governo da circunscrição de Évora, resolveu a direcção do Sindicato dos Corticeiros do Barreiro enviar um officio ao governador civil de Évora para que o fiscal Enfilho Barrão seja chamado à responsabilidade, evitando de futuro estas anomalias, tanto mais que a firma Borrêgo & Irmão, além de ser reinvidente, nega aos fiscais técnicos o direito de exercerem a fiscalização na sua fábrica.—E.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária.—Reuniu a comissão administrativa que deu despacho ao vário expediente, começando a pôr em prática as resoluções do último conselho confederal tendentes ao levantamento da organização mobiliária do país.

Manipuladores de Pão.—Reuniu esta classe em assembleia magna, ventilando vários assuntos de interesse para a classe. Foi nomeada uma comissão pró-presos, que levará a efeito uma festa para auxiliar os presos sociais da classe. Todos os oradores lavraram o seu protesto contra as «forças vivas», exaltando a grande romagem que foi a Belem apresentar ao Chefe do Estado o seu descontentamento contra os reaccionários.

Também se protestou contra a falta de peso no pão, na padaria do Largo das Olarias, independente, o que sucede aliás em quase todas as independentes. A sessão foi encerrada aos vivas à C. G. T., A Batalha.

Operários Municipais.—A reunião de cobradores que devia efectuar-se no domingo, realiza-se depois de amanhã, às 20 horas.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Reuniu este organismo em assembleia geral, o qual aprovou por unanimidade o Regulamento de trabalho e as bases orgânicas do Conselho Técnico. Resolveu que os mesmos fossem impressos e enviados às empresas e companhias de navegação e distribuídos mediante pagamento aos sócios. Aprovou os sócios Alberto de Castro e Manuel da Costa, delegados à União dos Sindicatos Operários e Jacinto Schiappa e Angelo Augusto delegados à Federação Marítima.

Trabalhadores do Tráfego.—Reuniu a direcção deste organismo conjuntamente com a comissão de resistência tendo deliberado prosseguir a acção encetada até completa solução do conflito ocasionado pela Empresa do Tráfego, Lda. e editar um manifesto esclarecendo o público, armadores e agentes de navegação sobre as causas deste conflito.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE: Compositores Tipográficos.—Pelas 18 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação duma proposta sobre readmissão de sócios; eleição de cargos vagos; nomeação de dois delegados à comissão organizadora dos trabalhos da conferência inter-sindical gráfica. Antes da ordem, será tratado um assunto que se prende com os jornais onde não se cumpre a organização de trabalho. Assiste a esta assembleia o secretário geral da F. L. J.

Descarregadores do Porto de Lisboa.—A assembleia geral, às 21 horas, para tratar de assuntos de inadivél resolução. A esta reunião deve assistir o secretário da Federação Marítima.

Foguetes de Mar e Terra.—Para a eleição, em definitivo, dos corpos directivos, a assembleia geral.

Encadernadores e Anexos.—Pelas 20,30 horas, a comissão administrativa transacta, para conclusão de contas. Pede-se a comparecência do cobrador.

Operários Municipais.—As 21 horas, a comissão administrativa.

Sindicato Unico da Construção Civil.—A assembleia geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar a atitude que o Sindicato deve tomar, em face da crise de trabalho existente; discutir o Regulamento Geral dos Sindicatos Federações e suas secções, e nomear a comissão revisora de contas da gerência de segundo semestre de 1924.

Comissão Escolar.—Pelas 20 horas, para tratar de assuntos urgentes. A esta reunião assistem os delegados ultimamente nomeados.

Operários Alfaiates.—A assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º nomeação da comissão escolar; 2.º votação da adesão ao Socorro Vermelho Internacional; 3.º Apreciar e resolver sobre uma circular da C. G. T.